



RELATO DE CASO: INFECÇÃO POR HERPESVÍRUS EQUINO TIPO 1 NEUROPATOLÓGICO
EM POTRO MANGALARGA MARCHADOR

Mariana Fernandes Moura^{1*}, Arthur Simão Castellano¹, Maria Fernanda Silva Pinto¹, Maria Luiza de Almeida Oliveira¹, Igor de Almeida Miranda², Renata Rezende Carvalho³ e Priscila Fantini⁴.

¹Discente no Curso de Medicina Veterinária – Universidade Federal de Minas Gerais - UFMG – Belo Horizonte/MG – Brasil – *Contato: marifmoura3@gmail.com

²Residente em Clínica Médica de Equinos – Universidade Federal de Minas Gerais - UFMG – Belo Horizonte/MG – Brasil

³Doutoranda em Ciência Animal – Universidade Federal de Minas Gerais - UFMG – Belo Horizonte/MG – Brasil

⁴Docente do Curso de Medicina Veterinária - Departamento de Clínica e Cirurgia Veterinária – Universidade Federal de Minas Gerais - UFMG – Belo Horizonte/MG – Brasil

INTRODUÇÃO

O Herpesvírus equino tipo 1 (EHV-1) é um agente viral ubíquo entre os equinos, pertencente à família *Herpesviridae*, e está associado a quadros respiratórios, abortivos e neurológicos¹. A forma neurológica da infecção, conhecida como mieloencefalopatia herpética equina (EHM), caracteriza-se por uma vasculite e trombose no sistema nervoso central, resultando em sinais clínicos de incoordenação².

A infecção primária geralmente ocorre nas primeiras semanas ou meses de vida, com replicação inicial do vírus no epitélio respiratório, podendo ser assintomática ou manifestar sintomas respiratórios leves a moderados¹. A partir dessa replicação, o EHV-1 pode atingir linfócitos T, estabelecendo viremia associada a células, que permite a disseminação para o sistema nervoso central e para o útero, culminando, respectivamente, em mieloencefalopatia e aborto, especialmente no terceiro trimestre da gestação². As manifestações neurológicas decorrem do dano vascular endotelial no sistema nervoso central, resultando em vasculite, microtrombose e hemorragias locais. As regiões mais acometidas são os segmentos caudais da medula espinhal (torácico, lombar e sacral), enquanto o tronco encefálico é menos frequentemente afetado^{3,4}.

A infecção pelo herpesvírus equino tipo 1 (EHV-1) apresenta ampla distribuição mundial, sendo considerada enzoótica na maioria das populações equinas⁵. Em diversas regiões, grande parte dos animais possui anticorpos contra esses agentes, refletindo uma exposição frequente e disseminada^{6,7}. Assim como outros herpesvírus, o EHV-1 possui a capacidade de estabelecer latência no hospedeiro, com reativações recorrentes ao longo da vida do animal. Fatores como estresse, transporte, superlotação, variações climáticas e manejo inadequado podem desencadear a reativação e, conseqüentemente, a disseminação do vírus entre indivíduos susceptíveis⁸.

O presente trabalho descreve um caso de infecção por Herpesvírus equino tipo 1 neuropatogênico em um potro Mangalarga Marchador de quatro meses, atendido no Hospital Veterinário da UFMG, caracterizado por sinais neurológicos graves e evolução fatal.

RELATO DE CASO E DISCUSSÃO

Foi atendido no Hospital Veterinário da UFMG em 21/02/2025, um potro Mangalarga Marchador, macho, com quatro meses de idade e 100 kg. Segundo relato da proprietária, o animal apresentou incoordenação motora, prostração e secreção nasal no mesmo dia. Foi realizado atendimento veterinário que incluiu penicilina, DMSO e dexametasona, porém sem resposta clínica. O potro foi encaminhado ao hospital, chegando em decúbito e em estado de estupor, com ausência de reflexos palpebrais, musculocutâneos e auditivos, além de secreção nasal serosa com odor forte, em que, no exame ultrassonográfico de tórax foram observadas áreas de irregularidade e descontinuidade da pleura. O paciente foi internado e iniciou-se tratamento intensivo com fluidoterapia (Ringer Lactato 50mL/kg/dia), infusão de midazolam (0,06 mg/kg/hora), dexametasona (0,1 mg/kg), DMSO (1g/kg) manitol (0,5 mg/kg) e sulfá-trimetoprim (25 mg/kg). No dia 22/02/2025, foi administrado 4 frascos de soro antiofídico polivalente, considerando a possibilidade de intoxicação crotálica, visto que o animal apresentou leve sangramento

retal e alteração de coagulograma, sendo submetido a transfusão sanguínea emergencial com a mãe como doadora.

Os exames laboratoriais revelaram plaquetopenia (66.000/ μ L), fibrinogênio a (400 mg/dL), TP aumentado (20,7 s) e TTPA reduzido (28,2 s), indicando distúrbio de coagulação. A relação proteína/creatinina urinária foi de 0,39, e o lactato sérico encontrava-se no limite superior da normalidade (2,02 mmol/L). O paciente evoluiu com nistagmo intermitente refratário, perda de visão, audição e olfato, vindo a óbito em 23/02/2025.

Na necropsia, foram observadas hemorragias petequiais cardíacas, degeneração tubular renal, congestão e edema pulmonar intensos, erosões gástricas, além de vasculite e trombose multifocais no encéfalo — achados compatíveis com mieloencefalopatia herpética equina. O PCR realizado em amostra de swab nasal confirmou a presença de EHV-1 neuropatogênico. Ressalta-se esse diagnóstico a partir de amostra nasal, o que não é comum, possivelmente em razão de uma cepa altamente virulenta ou de uma viremia muito elevada.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ressalta-se que, embora o diagnóstico precoce e o tratamento de suporte intensivo sejam fundamentais, a profilaxia vacinal continua sendo a principal e mais eficaz estratégia de prevenção. A vacinação contra as encefalomielites virais e o EHV-1 é uma medida simples, acessível e capaz de reduzir significativamente a morbimortalidade dessa infecção em equinos.

Por fim, o caso reforça a importância da vigilância epidemiológica, do uso de exames moleculares no diagnóstico e do isolamento de animais neurológicos, garantindo uma abordagem clínica segura e eficiente, além de contribuir para o controle sanitário nas populações equinas.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

1. REED, S. M.; BAYLY, W. M.; SELLON, D. C. *Equine Internal Medicine*. 5th ed. Elsevier, 2024.
2. CANTILE, C.; YOUSSEF, S. *Nervous System*. In: MAXIE, M. Grant (Ed.). Jubb, Kennedy and Palmer's Pathology of Domestic Animals. 6th ed. Philadelphia: Elsevier, 2016.
3. RECH, Raquel; BARROS, Claudio. Neurologic diseases in horses. *The Veterinary clinics of North America. Equine practice*, v. 31, n. 2, p. 281–306, 2015.
4. KANEKO, J.J. *Clinical Biochemistry of Domestic Animals*. 6th ed. Academic Press, 2008.
5. SCHULMANN, M.L.; BECKER, A.; VAN DER MERWE, B.D. et al. Epidemiology and reproductive outcomes of EHV-1 abortion epizootics in unvaccinated Thoroughbred mares in South Africa. *BEVA, Equine Vet. J., United Kingdom*, v.47, n. 2, p.155-159, march 2015.
6. FRANCO, C. A. VARELA, M. P. A.; ROEHE, M. P.; CARGNELUTTI, F. J. *Herpesviridae*, p. 518-581, In: FLORES, F. E. *Virologia Veterinária: Virologia Geral e Doenças Viricas*. 3ª ed., rev. e ampl. editora UFSC, Santa Maria - RS, 2017.



XVI Colóquio Técnico Científico de Saúde Única, Ciências Agrárias e Meio Ambiente

7. FRANCO, C. A.; ROEHE, M. P. Herpesviridae, p. 433-488, In: FLORES, F. E. Virologia Veterinária: Virologia Geral e Doenças Víricas. 3ª ed., rev. e ampl. editora UFSM, Santa Maria - RS, 2017.
8. QUINN, P.J.; MARKEY, B.K.; LEONARD, F.C.; FITZPATRICK, E.S.; FANNING, S.; Microbiologia Veterinária Essencial. 2. ed., Porto Alegre, Artmed, 2018.

APOIO:



Estudos em Medicina Interna Equina

